

O ENSINO DA FILOSOFIA E O EUROCENTRISMO: UMA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIZADORA¹

Valdete da Silva Santos²
Liliane Ferreira dos Santos³
Valmir Pereira⁴

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este artigo apresentar elementos sobre o ensino de filosofia através de uma ótica nova, além da europeia, introduzindo em sala de aula, pensamentos de outros filósofos que não sejam os tradicionais, realizar um distanciamento de uma cultura dominante e etnocêntrica, caracterizada pelo ponto de vista racista de pensadores famosos como Kant e Hegel. Ocasionalmente uma reflexão acerca do ambiente educacional, sobre a possibilidade de descolonização do currículo mostrando novas alternativas para o professor e professora que possam desenvolver em sala de aula.

Desse modo, este estudo visa despertar no docente a percepção necessária para a desconstrução de ideias de ensino, resultante do histórico de uma filosofia eurocêntrica, sem exercício de diversidades. Com isso, é necessário buscar um ensino aberto para outros pensadores de modo que todas essas culturas sejam aceitas como iguais na sua capacidade racional, sejam africanas, latinas, japonesas e tantas outras nações ou regiões portadoras de filosofias.

A filosofia pode ser vista como a disciplina mais branca da área de ciências humanas. O problema central está onde a filosofia começa apresentada no Ocidente como sendo os Gregos, descobridores de todo conhecimento epistemológico, quando na verdade, o Egito é o berço das grandes civilizações e assim, é inegável que todos os pré-socráticos tenham viajado até o Egito para estudar e depois de um longo período retornaram a Grécia para fundar a filosofia. Tal fato, foi apresentado no livro *Stolen Legacy* de George G.M. James. O Autor questiona o fato de a Grécia criar a filosofia e de como a academia aceita os pensadores gregos com extrema facilidade, sendo que as suas doutrinas são duvidáveis e não existem dados concretos de data de nascimentos desses filósofos, como também, o local que estudaram. James ainda indaga a formação dos filósofos Gregos afirmando que:

A História não sabe nada sobre o início da vida e formação dos filósofos Gregos e isso é verdade não apenas para os filósofos pré-socráticos, mas também para Sócrates, Platão e Aristóteles, que aparecem na história em torno da idade de dezoito anos e começam a ensinar aos quarenta (JAMES, 1954, p. 29).

Na obra de James, é apresentada a fragilidade da ideia de uma filosofia grega como também, a grande dificuldade de admitir que a África desempenhou de forma direta o pensamento grego. Até mesmo a sua cronologia epistemológica é baseada em especulação, sendo difícil descobrir o local de nascimento dos filósofos até o presente momento.

O processo de descolonização se inicia aqui pela afirmação de uma filosofia Africana sólida que contribuiu para a filosofia que é ensinada hoje nas escolas, que não surgiu na

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da CAPES.

² Graduada do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, waldetesantos61@gmail.com;

³ Graduada pelo Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, ferreiraliliane03@gmail.com;

⁴ Coautor, Professor e orientador: Doutor, Universidade Estadual da Paraíba - PB, provalmir@gmail.com;

Grécia. Assim, para James “Os Gregos não foram os autores da filosofia Grega, mas sim o povo Preto da África do Norte, os Egípcios” (JAMES, 1954, p. 213).

O Professor de filosofia é responsável por essa transformação no ensino, desde que o mesmo, também se transforme. Para isso, é necessária uma desconstrução da ideia de educador depositário do conhecimento, devendo-se aceitar alternativas para a expansão dos horizontes da filosofia. Contudo, o docente é um incentivador para essa mudança sendo que, o currículo, bastante eurocêntrico é o principal inimigo, pois o favoritismo de pensadores europeus, homens e brancos, acompanham os futuros docentes desde o início da sua graduação e ele se repete na grade curricular escolar causando as famosas “vítimas acadêmicas”. O ensino em si não engloba os pobres, os negros, ciganos, os homossexuais, os indígenas, as mulheres. Desse modo os alunos sofrem exclusão, pois a sua condição de sujeito ético lhe foi negado, e a sua humanidade também é negada e colocada em dúvida acabando silenciada, pois a vítima tem o seu pensamento negado historicamente.

Diante disso, o educador de filosofia não pode apenas apoiar-se nos conteúdos e nos métodos, como também não pode ser omissos com a realidade dos seus alunos, com a sua ideologia de crenças, mas deve ser visto como um apoio, como alguém que está disposto ao diálogo, ao conflito e a problematizar. As aulas não podem se prender apenas no conteúdo aplicado na escola, devem se estender a vida cotidiana de cada educando. A filosofia é universal, engloba diversas áreas do conhecimento epistêmico que estão fora da lógica do eurocentrismo, estando em constante mudança e devendo manter abertura ao movimento e à inovação.

Pensar em uma filosofia que ultrapassa o eurocentrismo diz respeito a ir além dos limites geográficos, políticos, étnicos, econômicos e culturais. Porém, isso não implica na negação desses limites nem do pensamento europeu, mas na diversidade filosófica, que agrega o vasto conhecimento daqueles que não eram considerados pelos europeus um conhecimento filosófico. Esse modo de fazer filosofia não apenas renova a releitura de pensadores africanos, indígenas e ciganos, querendo entendê-los como isolados, mas com o intuito de resgatar essas culturas perdidas e trazer a torna essas novas filosofias como também, proporcionar o acesso desses pensadores, revelar exclusivamente uma ideia de filosofia nova sem estudar os seus pensadores é somente uma meia filosofia.

Desse modo, pretendeu-se com essa abordagem refletir sobre um cenário filosófico que por muito tempo, foi desconsiderado da história da filosofia. Isso porque seus protagonistas têm sido considerados incapazes de filosofar. Contudo, esse fazer filosófico, mirando em uma realidade excluída, entende a filosofia como tarefa emancipadora. A Emancipação é aqui entendida não apenas do ponto de vista de formação intelectual, mas como geradora de separação de mundo entre os que alcançam formação e intelecto e os que ainda não os alcançam. Este conceito de emancipação nega aos que não frequentam uma academia a capacidade de emancipar e ser emancipador.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foi feita a análise de produções textuais. Assim, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico. O estudo deste trabalho está fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise. Para tal, tais objetos foram estudados em fontes primárias e secundárias como trabalhos acadêmicos, livros físicos e virtuais, artigos físicos e virtuais, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta do ensino de filosofia, partindo do ponto de vista de uma educação descolonizada passa pelo viés da sensibilização de todos os agentes envolvidos. Isso se inicia com a formação de educadores para atuar no ensino fundamental e médio, preparando-os para desenvolver práticas inclusivas referentes às questões da diversidade cultural em sala de aula.

O desafio, portanto, é retirar o ensino de filosofia dessa condição hegemônica que reside e permitir o desenvolvimento de outros saberes. A filosofia não se limita a territórios geográficos e etnias. O pesquisador brasileiro Thiago Dantas aponta que:

Uma das vias que se pode utilizar para romper com a imagem ocidental da filosofia como única, é precisamente realizar uma *intersecção epistêmica* entre as tradições não-europeias. Intersecção no sentido de apresentar as proximidades políticas e epistêmicas daqueles que produzem o conhecimento nas fronteiras (DANTAS, 2018, p. 45).

Portanto, não se prende uma postura filosófica, uma replicação dos pensamentos eurocêntricos, mas assumir uma postura aberta para a diversidade gerada pelo pensar filosófico. Admitir a existência de outras filosofias e valorizá-las, principalmente reconhecer o outro como ser pensante e capaz de estabelecer o diálogo. Nessa perspectiva, a filosofia deve abrir horizonte e iniciar um resgate histórico de valores culturais, ameaçados e silenciados, como a questão indígena, latina e afrodescendente. Assim, cativar o diálogo com a finalidade de preservação da diversidade cultural e a valorização das relações interpessoais, do mesmo modo que, promover uma educação que forme cidadãos para ir além do eurocentrismo, que possam interagir e conviver harmonicamente com as diferenças.

Nesse sentido, é através da superação de um conceito ilimitado e limitante de emancipação atribuído ao ser humano, independentemente de sua formação acadêmica, seu território ou gênero é necessária igualdade na inteligibilidade humana. Essa ideia foi defendida por Rancière (2007, p.104) ao afirmar que “a igualdade das inteligências é o laço comum do gênero humano, a condição necessária e suficiente para que uma sociedade de homens exista”.

Assim, uma filosofia emancipadora deve considerar que uma filosofia colonizada não pode ter a tarefa de emancipar ou criar cidadãos críticos, pois até que ela seja descolonizada é necessário que a filosofia se liberte dela mesma, e que o professor e o educando tenham a consciência que é a filosofia que deve libertar-se primeiro para assim, libertar o outro.

O filósofo queniano Odere Oruka, com o projeto *Sage Philosophy*, elabora argumentos no sentido de que “a sagacidade filosófica contribuiu para a clarificação de categorias como filosofia indígena versus filosofia acadêmica e sabedoria versus filosofia. E, ainda, para a revitalização da questão do método em filosofia” (ORUKA, 1990).

Portanto, com essa afirmação deve-se superar as práticas ainda atuais, marcadas pela bifurcação da racionalidade moderna que deliberadamente se restringe a uma elite privilegiada. Que caminho seguir, em vista de um ensino eurocêntrico que não permite pensamentos outros? Um caminho em que o ensino de filosofia transcenda a transmissão de conteúdo é a prática, uma vez que essa prática não coloca o educador como centro das mentes pensantes, mas como protagonista do pensar, considerando o estudante como produtor de conhecimento.

Nessa perspectiva focaliza na construção de uma filosofia libertadora, tendo em vista uma ética que priorize o outro, isto é, compreender que o lugar de filosofar não pode ser separado pelo território em que o indivíduo está inserido. Além disso, o tal filosofar não se

encontra apenas nos livros, tendo pesquisadores como únicos detentores do conhecimento. Considerar a diversidade cultural e étnica, requerendo da educação uma postura para reivindicar papéis, isto é, ir além do lugar tradicionalmente destinado ao professor deve ser o novo caminho da filosofia que liberta.

Com essa reflexão, abro espaço para a problematização sobre a questão do racismo, que historicamente favorece o massacre seja linguístico, epistêmico ou cultural. O eurocêntrico destaca a sua cultura como superior, justificando que o massacre usado nas colonizações foi necessário para aplicação da sua cultura. O colonialismo epistemológico não permite que os negros, latinos, ciganos e indígenas pensem e acabam transformados em seres passivos e sem ação diante do seu colonizador.

A filosofia etnocêntrica funciona na forma de uma ecolalia cultural. Ou seja, a repetição do discurso e a imposição do outro fazem com que o pensamento filosófico de outras culturas seja silenciado e na maioria das vezes, não reconhecida pelo indivíduo que a exercita. O racismo esbanjado pelos filósofos Kant e Hegel são ocultados pela academia, e o problema é que geralmente esta não é a preocupação de estudiosos e de professores universitários, e como consequência, refletido nos cursos de licenciatura para a formação de novos professores, os acadêmicos passam anos estudando esses pensadores para aprender o conhecimento “universal” atribuindo os possíveis deslizamentos desses filósofos etnocêntricos como próprios do contexto intelectual de produção das obras.

Esses pensamentos eurocêntricos atribuídos a esses filósofos são destacados em suas obras, grupos humanos que são abordados em seus trabalhos, pertencentes à raça e etnia diferentes, são classificados como indivíduos não pensantes, comportamentos selvagens, costumes e religiões primitivas e bizarras. O mundo não europeu é visto como não habilitado aos pensamentos racionais as quais eram negados o reconhecimento como humano, portanto a sua filosofia é descartada. O *Homo sapiens* é dividido pela filosofia e pelas ciências europeias em “uma hierarquia de raças que desumanizou e reduziu os subordinados tanto ao olhar científico como ao desejo dos superiores” (SAID, 2004, p.52).

O filósofo Emmanuel Kant, por exemplo, é presença obrigatória na grade curricular dos cursos de filosofia, e no Brasil e no mundo a fora, na sua obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, segundo ele, na tentativa “apenas de esboçar traços que neles exprimem os sentimentos do sublime e do belo”, mas sem a intenção de “ofender a ninguém”.

Depois de caracterizar os povos dos outros continentes, desta vez realçando aqueles aspectos que considera extravagantes, grosseiros e exagerados, Kant expõe as suas opiniões sobre os negros, suas manifestações culturais e formas de religiosidade, revelando toda a sua ignorância e arrogância.

Outro grande expoente do pensamento filosófico ocidental, Hegel, via nos nativos americanos “mansidão e indiferença, humildade e submissão perante um crioulo (branco nascido na colônia), e ainda mais perante um europeu”. Segundo o filósofo alemão “ainda custará muito até que europeus lá cheguem para incutir-lhes uma dignidade própria. A inferioridade desses indivíduos, sob todos os aspectos, até mesmo o da estatura, é fácil de se reconhecer” (HEGEL, 1999: p. 74-75). Sobre os negros, o filósofo escreve que:

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência [...] O negro representa, como já foi dito o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano[...] A carência de valor dos homens chega a ser inacreditável. A tirania não é considerada uma injustiça, e comer carne humana é considerado algo

comum e permitido [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes. (HEGEL, 1999, p. 83-86)

Á Europa é tratada por Hegel e Kant com superioridade como o centro e o fim da história, já Ásia e África ficam desqualificadas. Existe uma trindade (Europa, Ásia e África) onde a América latina fica descartável, por considerar que não é filosofia. “A América latina, portanto, fica fora da história mundial. O mesmo acontecerá com a África,” “Temos assim o conceito de centro da história mundial. Mas veremos que das três partes [...] duas delas serão desqualificadas” Dussel (1993, p.19).

Depois de fazer tais considerações, o filósofo conclui esta parte de sua obra argumentando que não irá mais tratar da África, pois a mesma “não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar” (HEGEL, 1999, p. 88) e mesmo o Egito, embora situado no norte da África, Hegel o interpreta “como transição do espírito humano do Oriente para o Ocidente, mas ele não pertence ao espírito africano”. O continente africano é assim eliminado da “história universal”, enquanto é retirada dos povos que lá habitam a condição de seres humanos.

Nesse sentido, o professor de filosofia deve ser bem mais que um mero reproduzidor de teorias ou transmissor acrítico da história. Ao contrário, ele deve partir de problemas que afetam o dia a dia da sociedade. O “ensinar filosofia” requer longa série de decisões e isto depende, em grande medida, da postura filosófica assumida pelo professor. Desse modo, precisa-se que uma ruptura aconteça, inclusive e de começo na formação de professores para o ensino básico. Isto porque, muitas vezes, a formação do professor oferecida na academia não o ajuda a compreender e enfrentar a situação em que os estudantes estão inseridos.

Essa formação insuficiente e excludente dos profissionais do ensino é mostrada em algumas pesquisas acadêmicas, quando professores relatam que a filosofia não é uma disciplina adequada para o ensino médio. Ainda, afirmam que a disciplina “Filosofia”, no ensino básico, presta-se mais para cumprir uma exigência curricular que para a construção de conhecimento. Outra situação que se soma a isso é a falta de critério adequado quanto à escolha dos professores, pois muitas coordenações pedagógicas acreditam que o espaço da filosofia pode ser ocupado por qualquer outro profissional, sem a devida formação filosófica.

O papel do professor, portanto, não é apenas o de transmitir conhecimento, mas acompanhar o aluno no movimento de produzir novas experiências, pelas quais se mantém o conhecimento sempre ‘novo’. Redescobre-se assim, por consequência, que o papel da filosofia não é somente de transmissão, nem mesmo somente de questionamento, mas, junto a isso, que a filosofia tem uma missão de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia tem que ultrapassar os conceitos etnocêntricos europeus, pois um ensino colonizado não é capaz de libertar os outros ao menos que ele seja libertado. O ensino de filosofia deve ser universal, levando em consideração a diversidade de culturas, de saberes e de pensamentos, reconhecendo novos territórios epistêmicos que estão fora da lógica do eurocentrismo. Existem conhecimentos sólidos e pensadores de outros lugares, mas não são valorizados como um conhecimento em si, sendo o pensamento europeu dito como o certo, e esse é o motivo pelo qual, tanto na graduação, quanto nos livros didáticos não vemos essa diversidade de pensadores.

Uma filosofia colonizada não pode ter a tarefa de emancipar ou criar cidadãos críticos, pois até que a mesma seja descolonizada é necessário que a filosofia se liberte dela mesma, e que o professor e o educando tenham a consciência que é a filosofia que deve se libertar

primeiro para assim libertar o outro. E é exatamente o educador tem que quebrar esse círculo vicioso, procurando alternativas para a possibilidade de uma construção do ensino de filosofia sob a perspectiva do pensamento da diversidade. Descolonizar o currículo iniciando pelos cursos acadêmicos e progredindo para o ambiente escolar, libertar aqueles que querem ser libertados e abrir as possibilidades para outros conteúdos, para que outros estudantes possam produzir e desenvolver filosofias outras.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Luis Thiago Freire. **Filosofia desde África: perspectivas descoloniais**. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro: A origem do "mito da Modernidade"**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

HEGEL, G.W. Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília, Editora da UnB, 1999.

JAMES, George Granville Monah. **Legado Roubado**. Trenton, New Jersey: Editor: Africa Word Press, 1954.

KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Campinas, Papyrus, 1993.

ORUKA, H. Odera. **Sage philosophy: Indigenous thinkers and modern debate on African philosophy**. Brill, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Valle. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAID, Edward W. **Freud e os não-europeus**. São Paulo, Boitempo, 2004.